

## REFLEXÕES SOBRE A NATIVIDADE: DEBATES HISTORIOGRÁFICOS SOBRE OS RELATOS DO NASCIMENTO DE JESUS NOS EVANGELHOS CANÔNICOS

### REFLECTIONS ON THE NATIVITY: HISTORIOGRAPHICAL DEBATES ON THE ACCOUNTS OF THE BIRTH OF JESUS IN THE CANONICAL GOSPELS

LUIZ SALGADO NETO<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Desde a renovação das pesquisas sobre o Jesus histórico, em meados do século XX, os relatos do nascimento de Jesus contidos nos evangelhos canônicos têm recebido grande atenção de historiadores. A narrativa amplamente conhecida como “Natividade” tem ensejado profícuos debates sobre sua historicidade e sobre sua relevância para conhecermos as crenças e tradições que circulavam entre os primeiros

**Abstract:** Since the renewal of research on the historical Jesus in the mid-20th century, the accounts of the birth of Jesus in the canonical Gospels have become a focal point of historical inquiry. The narrative, commonly referred to as the 'Nativity,' has sparked extensive debate among historians. This article aims to examine the Nativity from a historiographical perspective and assess the historicity of the events surrounding the birth of

---

<sup>1</sup> Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: salgado\_net@yahoo.com.br.

cristãos. Este artigo tem os objetivos de examinar a Natividade sob a perspectiva dos debates historiográficos e discutir a historicidade dos eventos relacionados ao nascimento de Jesus como narrados nos evangelhos canônicos.

**Palavras-chave:** Jesus histórico; Natividade; cristianismo primitivo

Jesus, as depicted in the canonical Gospels.

**Keywords:** Historical Jesus; Nativity; Early Christianity

## Introdução

A partir da segunda metade do século XX, a pesquisa sobre o Jesus histórico ganhou um novo vigor na historiografia. Desde então, estudiosos de diferentes vertentes teóricas têm dedicado suas investigações a compreender a figura humana de Jesus de Nazaré, ou seja, a buscar o ser humano por trás do ser considerado divino pelo cristianismo. Seus estudos se fundamentam na busca pela trajetória e pelos ensinamentos de Jesus enquanto um homem que viveu na Palestina do século I.

Os primeiros estudos significativos sobre o Jesus histórico remontam ao século XVIII, em meio à efervescência de ideias do Iluminismo, e prosseguiram ao longo do século XIX. No entanto, durante a primeira metade do século XX, predominou um entendimento de que não era possível chegar ao Jesus histórico por meio das fontes acessíveis a nós na atualidade. Foi somente nos anos de 1950, com a chamada “Nova Busca”, que as pesquisas voltadas a estudar a figura histórica de Jesus ganharam um novo impulso (Cornelli, 2006, p. 17-20).

Com efeito, os pesquisadores dedicados ao estudo do Jesus histórico se veem diante de desafios consideráveis devido à natureza da documentação. Como Jesus de Nazaré era um homem pobre que viveu na Palestina sob domínio romano no século I,

não poderíamos esperar encontrar farta documentação sobre ele. Assim, nossas principais fontes sobre sua trajetória e ensinamentos são os textos que compõem o Novo Testamento. No entanto, os evangelhos canônicos são materiais primariamente religiosos, cuja principal razão de produção é passar uma mensagem de cunho espiritual, não histórico.

Contudo, dizer que as fontes cristãs são materiais com preocupações eminentemente religiosas não significa afirmar que não tenham nada a dizer sobre a figura histórica de Jesus. Por meio de diferentes critérios, é possível obter informações históricas confiáveis (Ehrman, 1997, p. 203), com vistas a “isolar o material realmente útil sobre o Jesus histórico” (Cornelli, 2006, p. 19).

Dentre os temas que têm ensejado fecundos debates na historiografia está a chamada “Natividade”, isto é, a composição literário-religiosa que narra os eventos que envolvem o nascimento de Jesus. Uma narrativa repleta de acontecimentos miraculosos, a Natividade coloca desafios consideráveis para os pesquisadores que buscam o Jesus histórico, já que tal busca pressupõe a análise da historicidade dos eventos narrados.

Desse modo, podemos levantar duas perguntas centrais para a investigação histórica sobre a Natividade: (1) em que medida os relatos da Natividade contribuem para o nosso entendimento do Jesus histórico? E (2) os acontecimentos narrados nos evangelhos canônicos são históricos?

Diante de tais perguntas, o presente artigo tem como objetivos examinar brevemente alguns tópicos do debate historiográfico sobre a Natividade e discutir a historicidade de alguns eventos relacionados ao nascimento de Jesus conforme registrado nos evangelhos canônicos<sup>2</sup>.

### **A Natividade e a produção dos evangelhos**

Dos quatro evangelhos canônicos, a história relativa ao nascimento de Jesus está registrada apenas em Mateus e Lucas.

---

<sup>2</sup> Para as referências aos evangelhos canônicos, foi adotada a tradução da Bíblia de Jerusalém (2002).

Marcos e João iniciam seus relatos sobre a vida pública de Jesus (seus feitos, milagres, conflitos e ensinamentos) a partir de seu encontro com João Batista, nada dizendo sobre os eventos miraculosos de seu nascimento<sup>3</sup>. Tampouco os outros textos canônicos do Novo Testamento, como as cartas de Paulo, dizem algo sobre a Natividade (Brown, 1993, p. 26-27; Ehrman, 2010, p. 29).

É interessante constatar o poder que os relatos do nascimento de Jesus exercem sobre a religiosidade cristã. A popularidade adquirida pela história da Natividade é desproporcional à sua extensão no conjunto dos evangelhos. Dos 89 capítulos dos evangelhos que estão no cânone do Novo Testamento, apenas quatro são relacionados à Natividade – os dois primeiros capítulos de Mateus e os dois primeiros capítulos de Lucas. Embora poucos em relação ao todo, esses capítulos deram origem às mais profundas reflexões teológicas ao longo dos séculos, ficando atrás apenas dos relatos que envolvem a morte e a ressurreição de Jesus. Além disso, talvez devido às partes bastante vagas, comentadores posteriores julgaram necessário acrescentar informações, o que deu origem a tradições voltadas a preencher lacunas sobre o nascimento e a infância de Jesus (Brown, 1993, p. 25).

Para surpresa de muitos, os relatos da Natividade em Mateus e Lucas possuem diferenças importantes. Dizer isso pode causar certa estranheza, já que tais diferenças são apagadas quando a história da Natividade é apresentada ao grande público, seja ele cristão ou não cristão. O que ocorre é que as histórias popularizadas da Natividade mesclam os relatos de Mateus e Lucas, suprimindo as inconsistências para criar uma única narrativa linear e coerente (Ehrman, 2010, p. 29-30).

---

<sup>3</sup> O Evangelho de João aborda a geração de Jesus de outra forma. O autor não está preocupado com o nascimento humano de Jesus, mas em ressaltar que Jesus é Deus. Ele inicia seu texto apresentando Jesus como o *logos* de Deus, que estava com Deus “no princípio”. Após esse preâmbulo (João, 1: 1-14, Bíblia de Jerusalém), o evangelista passa a narrar como João Batista anunciou a vinda de Jesus.

Essas dessemelhanças se devem às tradições distintas sobre as quais se apoiam os relatos de Mateus e Lucas. O trabalho de crítica textual e a análise histórica demonstram que os quatro evangelhos canônicos foram produzidos a partir de histórias que eram transmitidas oralmente e/ou contidas em textos que circulavam nas comunidades cristãs, alguns dos quais não chegaram até nós (Ehrman, 1997, p. 50; Brown, 1993, p. 26-27).

Ou seja, os textos dos evangelhos foram escritos com base não nos relatos diretos das pessoas que conviveram com Jesus, mas nas tradições que começaram a circular entre as comunidades cristãs dispersas pela bacia do Mediterrâneo anos ou décadas após sua morte. Cada comunidade formou-se em torno de uma tradição personalizada, a partir das quais os autores/editores dos evangelhos teceram seus textos, dando-lhes novos contornos (Ebner, 2012, p. 4). Como o cristianismo primitivo era bastante plural, essas tradições possuíam alguns elementos semelhantes e outros muito diferentes.

Para estudiosos como Raymond Brown (1993), John P. Meier (1991) e Geza Vermes (2010), os autores/editores de Mateus e Lucas escreveram de forma independente um do outro, isto é, sem colaboração e sem que um tenha copiado do outro (Brown, 1993, p. 34; Meier, 1991, p. 209; Vermes, 2010, p. 4). Assim, seus relatos se basearam em diferentes fontes que circulavam nas comunidades no entorno do Mediterrâneo e que eram bastante diversas entre si, apesar de apresentarem elementos compartilhados.

Esse jogo de semelhanças e diferenças ocorre particularmente entre Mateus, Marcos e Lucas. Por terem um “esquema compartilhado” (Fredriksen, 1999, p. 22), são convencionalmente chamados de evangelhos sinóticos<sup>4</sup>, o que

---

<sup>4</sup> A palavra “sinótico” (ou “sinóptico”) deriva do idioma grego e se refere à possibilidade de os evangelhos serem observados “ao mesmo olhar”. O evangelho de João é o que se diferencia dos demais. Ele apresenta características, tanto literárias quanto teológicas, que o tornam muito distinto de Mateus, Marcos e Lucas. Por suas expressivas diferenças em relação aos sinóticos, João pode ser considerado um “evangelho dissidente” (Ehrman, 1997, p. 72; Ehrman, 2014, p. 81; Meier, 1991, p. 44).

significa dizer que podem ser olhados ao mesmo tempo, colocados lado a lado e comparados.

Em uma análise comparativa dos sinóticos, porém, é relevante considerar a chamada “teoria das duas fontes”, que chama atenção para o processo de difusão de certas tradições e sua incorporação em textos de diferentes autores/editores. Segundo essa teoria, Mateus e Lucas basearam seus textos em duas fontes a que ambos tiveram acesso. Uma delas é o evangelho de Marcos, pois podemos perceber que Mateus e Lucas narram certas passagens de forma bastante similar a Marcos, às vezes palavra por palavra. No entanto, Mateus e Lucas apresentam outras passagens semelhantes que não estão presentes em Marcos. Diante disso, há um entendimento de que eles utilizaram uma segunda fonte que não sobreviveu, a qual chamaram de “Q” (de *Quelle* – “fonte” em alemão, uma forma abreviada de fonte dos ensinamentos ou dos ditos) (Ehrman, 1997, p. 79; Meier, 1991, p. 43-44; Fredriksen, 1999, p. 23).

Esse debate nos traz um aspecto fundamental para compreendermos o processo de composição dos evangelhos. Conforme diz Paula Fredriksen, ao se basearem em Marcos e em Q, “Mateus e Lucas não eram apenas autores, mas também redatores, editores criativos de tradições anteriores que eles alteraram mesmo naquilo que preservaram” (Fredriksen, 1999, p. 26). Por esse motivo, se utilizo por vezes aqui os nomes a quem são atribuídos os evangelhos é por pura conveniência. Com mais frequência, me refiro a eles como autores/editores.

Com relação à Natividade, é provável que os relatos de Mateus e Lucas sejam baseados em uma mescla de fontes variadas, já que o nascimento de Jesus não está narrado em Marcos e a fonte Q aparentemente é um material composto basicamente de ensinamentos. Para Bart Ehrman (1997, p. 72-73), Mateus e Lucas utilizaram outras duas fontes, que ele chama de M e L. A fonte M seria a que só Mateus utilizou, enquanto a L, a que apenas Lucas utilizou. O autor entende que essas fontes são tradições orais ou uma mescla de fontes orais e textos escritos. Portanto, as dessemelhanças nos relatos da Natividade

provavelmente são derivadas das diferenças entre as fontes M e L.

Para Raymond Brown (1993) e Geza Vermes (2010), os relatos da Natividade em Mateus e Lucas são baseados em tradições que começaram a circular em um momento diferente daquele em que surgiram os relatos sobre as outras fases da vida de Jesus. Geza Vermes (2010, p. 75) afirma que as histórias sobre o nascimento de Jesus surgiram apenas posteriormente e foram agregadas às tradições que contavam eventos de sua vida adulta. Para Raymond Brown (1993, p. 26-27), isso não se restringiu aos relatos da Natividade. Segundo ele, os primeiros textos sobre Jesus diziam respeito à sua morte e ressurreição. Com o tempo, outros elementos foram sendo agregados – ditos, milagres, parábolas, histórias sobre seu nascimento etc., que confirmavam que Jesus era o Messias esperado.

Helmut Köester (1982, p. 1) diz que, no início da difusão do cristianismo, as tradições orais eram transmitidas sob a autoridade do “Senhor” e abrangiam ditos de Jesus e breves narrativas sobre sua vida. Ele diz que também por volta desse tempo, a comunicação escrita já começou a ser usada. O ponto de partida das primeiras tradições orais e escritas era o querigma da morte e ressurreição de Jesus (Köester, 1982, p. 4).

Na verdade, a produção de cada evangelho foi um processo longo e gradativo, efetuado por um ou mais redatores que se basearam em uma variedade de fontes orais e escritas que já estavam em circulação nas comunidades cristãs. É muito provável que cada texto tenha partido de um original básico que foi reelaborado, acrescido com outros materiais e editado, em um processo que apenas em um período bem posterior tomou a forma que conhecemos hoje<sup>5</sup> (Aland & Aland, 1989, p. 50-52).

Com efeito, podemos ter um vislumbre desse processo por meio de um texto lido em uma comunidade cristã reunida a leste do rio Jordão no início do século II. Embora escrito em hebraico,

---

<sup>5</sup> Deve-se também mencionar que frequentemente havia erros dos copistas, como omissões involuntárias, duplicações, confusões de letras e palavras etc. (Köester, 1982, p. 16).

esse texto é bastante similar ao evangelho de Mateus. Uma das diferenças mais importantes é o fato de estarem faltando os dois primeiros capítulos, exatamente os que contêm o relato da Natividade (Ehrman, 1997, p. 4). Ou seja, podemos presumir que, durante o processo de difusão dessa tradição, o material básico de Mateus tomou pelo menos dois rumos divergentes. Em um deles, a história da Natividade não foi incluída.

Portanto, essa discussão nos faz perceber que os relatos da Natividade que constam do Novo Testamento são as versões escritas que chegaram até nós. São apenas parte de uma ampla gama de tradições existentes nos séculos I e II. Tendo isso em mente, ficam mais compreensíveis as semelhanças e as diferenças nas histórias da Natividade que conhecemos. Tais diferenças, por sua vez, podem ter relação com a caracterização de Jesus que cada evangelista faz em seu texto. Vejamos, então, como Jesus é apresentado em ambos os evangelhos.

### **A figura de Jesus nos evangelhos de Mateus e Lucas**

Assim como os outros três evangelhos canônicos (e outros apócrifos), o evangelho de Mateus é anônimo. Posteriormente, o texto foi atribuído ao apóstolo Mateus, o coletor de impostos, mas isso é pouco provável. Como é escrito em grego, o mais plausível é que tenha sido produzido no seio de uma comunidade cristã falante de grego que vivia fora da Palestina, já que o aramaico era a língua nativa dos judeus e dos primeiros cristãos na Palestina do século I<sup>6</sup>. Análises de crítica textual estimam que tenha sido escrito entre 80 e 85 EC<sup>7</sup> e que tenha sido produzido na Síria por um cristão judeu falante de grego, em uma comunidade mista de

---

<sup>6</sup> Para uma discussão sobre o idioma falado por Jesus em seus ensinamentos, ver Meier, 1991, p. 255-268. John P. Meier conclui que a língua falada por Jesus em sua rotina de pregação e em suas relações sociais era o aramaico. Ele chega a essa conclusão mesmo considerando as dificuldades em ter absoluta certeza em uma Palestina do século I “quadrilíngue”, ou seja, em uma terra em que as pessoas falavam aramaico, hebraico, grego e latim (Meier, 1991, p. 266-267).

<sup>7</sup> EC: Era Comum; AEC: Antes da Era Comum.

judeus e não judeus (Ehrman, 1997, p. 98; Brown, 1993, p. 45-47).

Para Raymond Brown (1993, p. 48-50), embora o relato da Natividade tenha origem em uma tradição diferente, as duas partes do evangelho de Mateus que lemos no Novo Testamento foram produzidas pelo mesmo autor/editor. De acordo com Brown, o texto expressa coerência de pensamento entre os dois primeiros capítulos e o restante do evangelho. Para ele, há indícios suficientes que apontam para uma “composição unificada”, ou seja, para uma redação final realizada pela mesma pessoa.

Ainda segundo Brown, o evangelho de Mateus foi escrito com o objetivo primordial de instruir e exortar sua comunidade, mas o livro abrange também materiais apologéticos. Isso, provavelmente, é fruto de discussões entre judeus cristãos e judeus não cristãos que divergiam nas sinagogas da diáspora mediterrânea sobre Jesus ser o Messias aguardado (Brown, 1993, p. 47). Nesse contexto, Mateus escreve para assegurar que Jesus era o Messias previsto nas escrituras.

Mateus apresenta Jesus como o ápice do cumprimento das promessas de Deus e, em seu relato, tudo acontece segundo um plano divino. Ao longo de seu texto, tudo que Jesus faz ou diz é em cumprimento das escrituras. Mais do que qualquer outro dos evangelhos canônicos, Mateus diz reiteradamente que Jesus cumpre as profecias contidas nas escrituras sagradas judaicas (Ehrman, 1997, p. 82-83; Fredriksen, 2000, p. 36-37).

Assim, era de suma importância para Mateus assegurar que Jesus havia nascido em Belém e que era descendente de Davi. Em seu relato, quando Herodes pergunta aos seus sacerdotes e escribas onde haveria de nascer o menino, eles respondem: “Em Belém da Judeia, pois é isto que foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá; porque de ti sairá um chefe que apascentará Israel, meu povo” (Mateus, 2: 5-6, Bíblia de Jerusalém). É provável que Mateus esteja fazendo referência a uma passagem presente no livro de Miquéias, onde consta que de Belém “sairá para mim

aquele que governará Israel” (Miquéias, 5: 2-6, Bíblia de Jerusalém).

Outro ponto importante na teologia de Mateus é sua apresentação de Jesus como o novo Moisés – não como uma negação de Moisés, mas como aquele que consolida e aprofunda a Lei enviada por Deus através de Moisés. Por isso, em Mateus, há tantos paralelismos entre as vidas de Jesus e de Moisés (Ehrman, 1997, p. 83; Crossan, 1996, p. 30-31).

Portanto, Mateus tem uma premissa teológica que apresenta Jesus como o cumprimento final das escrituras e como novo Moisés. Isso, como veremos adiante, tem relação direta com seu relato da Natividade. Vejamos agora como Jesus é apresentado no quadro da teologia expressa no evangelho de Lucas.

As análises textuais indicam que o evangelho de Lucas foi escrito na década de 80 EC em uma comunidade que vivia fora da Palestina, composta predominantemente de cristãos não judeus falantes de grego. Pela qualidade da escrita e pelo sofisticado uso do idioma, o grego possivelmente era a língua nativa de seu autor/editor. Deve ter sido escrito alguns anos após o evangelho de Marcos e quase ao mesmo tempo que o de Mateus. Como os outros evangelhos, trata-se de um material anônimo. No século II passou a ser atribuído a Lucas, médico que acompanhava o apóstolo Paulo em suas viagens (Brown, 1993, p. 235-236; Ehrman, 1997, p. 98).

O autor/editor de Lucas é o mesmo do livro dos Atos dos Apóstolos, já que ele mesmo diz que o evangelho era seu “primeiro relato” (Atos, 1:1, Bíblia de Jerusalém). Assim, percebemos que sua obra é composta de dois volumes: o primeiro é centrado em Jesus; o segundo, nos apóstolos, enquanto agentes da expansão da Igreja (Ehrman, 1997, p. 98; Fredriksen, 2000, p. 27). Pela congruência da teologia paulina contida no evangelho e pela centralidade de Paulo nos Atos dos Apóstolos, é possível que a audiência de Lucas fosse uma igreja estabelecida em uma das viagens missionárias de Paulo pelas cidades do entorno do Mediterrâneo (Brown, 1993, p. 235).

Segundo Raymond Brown (1993, p. 246-247), o evangelho de Lucas, assim como o de Mateus, é um texto que teve redação finalizada pela mesma pessoa. Brown afirma que Lucas combinou fontes diversas para apresentar Jesus como filho de Davi e como o Filho de Deus. Também como Mateus, Lucas caracteriza Jesus como aquele que cumpriria as profecias da vinda de um messias.

Bart Ehrman (1997, p. 105-107) argumenta que Lucas apresenta Jesus como profeta. Um profeta, entenda-se, não como alguém que prevê o futuro, mas como portador de uma mensagem de Deus. Na Bíblia Hebraica, as mensagens proféticas são admoestações para que os judeus sigam o caminho de Deus. Caso contrário, um mal recairá sobre Israel. Em Lucas, a mensagem profética de Jesus é uma admoestação para que haja arrependimento dos pecados. Mas, assim como profetas anteriores, Jesus é um profeta rejeitado, que não é ouvido e é morto.

Para Lucas, a morte de Jesus não é o fim, pois tudo é parte do plano de Deus. Jesus é enviado primariamente aos judeus, que o rejeitam, e ele então leva a mensagem a toda a parte (Ehrman, 1997, p. 113). É importante ressaltar que, embora rejeitado pelos judeus, Jesus não nega o judaísmo. Pelo contrário. Isso pode ser visto na centralidade do Templo de Jerusalém ao longo de todo o seu texto.

No evangelho, Lucas apresenta Jesus como a continuidade do judaísmo. Enquanto em Atos, a igreja é a continuidade da mensagem de Jesus (Ehrman, 1997, p. 125). Abordando o evangelho como primeira parte de uma obra em dois volumes, a narrativa se inicia no antigo Israel, tem um novo começo com a vinda de Jesus e se completa no livro dos Atos dos Apóstolos. Em Atos, a Igreja se expande a partir de Jerusalém e se dissemina pelas cidades da bacia do Mediterrâneo, levando a Boa Nova para todos, judeus e não judeus. Assim, para Lucas, Jesus é ao mesmo tempo “uma revelação aos gentios e a glória do povo de Israel” (Brown, 1993, p. 236-237).

## **Divergências nos relatos da Natividade**

Conforme mencionado, os relatos da Natividade em Mateus e Lucas são independentes um do outro. Embora apresentem uma base comum, foram escritos sem colaboração e advindos de duas tradições diferentes.

Muitas das discrepâncias contidas nos textos não são percebidas pela maioria daqueles que têm algum tipo de contato com a história da Natividade. A maioria das pessoas conhece a história do nascimento de Jesus não diretamente dos evangelhos, mas por meio da versão que se popularizou, que mescla os dois relatos em uma narrativa única e coerente. Só podemos ver as divergências quando os textos são analisados “ao mesmo olhar” (sinótico), colocados lado e lado e comparados. Assim, podemos verificar os elementos presentes em cada relato, identificando semelhanças e diferenças<sup>8</sup>.

Começamos pelo que eles têm em comum<sup>9</sup>: Jesus nasceu em Belém; sua mãe era Maria, uma virgem que foi concebida pelo Espírito Santo; e seu pai era José, descendente de Davi; um anjo apareceu e anunciou que o menino seria concebido por Deus e que deveria se chamar Jesus; o nascimento ocorreu no tempo em que Herodes era o rei da Judeia.

Lucas e Mateus registram um outro tipo de concordância, mais teológica do que “factual”. Ambos inserem o nascimento de Jesus na história judaica. Tanto Mateus quanto Lucas apresentam Jesus como Messias e, buscando referências nas escrituras judaicas, afirmam que Jesus veio ao mundo para cumprir as profecias anunciadas nos textos sagrados de seus antepassados<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Há outras diferenças que poderiam ser adicionadas às apresentadas aqui. No entanto, por limitação de espaço, destacarei apenas algumas delas. Para uma comparação detalhada entre as duas narrativas, ver Ehrman (1997, p. 80-82).

<sup>9</sup> Raymond Brown elenca onze tópicos compartilhados por Mateus e Lucas (Brown, 1993, p. 34-35).

<sup>10</sup> Isso pode parecer óbvio para ouvidos modernos, mas ressalte-se que no cristianismo primitivo isso não era consensual. Vide a teologia defendida pelo bispo Marcião, que pretendia romper a relação do cristianismo com o judaísmo (Köester, 1982, p. 8; Ehrman, 1997, p. 5).

As semelhanças param por aí. Ao analisarmos os dois textos comparativamente, as diferenças nos detalhes e nas circunstâncias do nascimento de Jesus são muito claras para ignorar. Em alguns casos, se mostram irreconciliáveis.

Uma primeira diferença diz respeito a algo muito conhecido em países de população majoritariamente cristã: a representação visual do nascimento de Jesus nos presépios natalinos e em materiais iconográficos, como vitrais, pinturas e desenhos. Trata-se da presença simultânea dos pastores e dos “três reis magos” na cena. Muitos desconhecem que esses dois grupos de personagens nunca aparecem juntos nos evangelhos canônicos. Os pastores estão em Lucas, mas não aparecem em Mateus. Por outro lado, Lucas não menciona nenhum mago, enquanto Mateus atribui um papel importante a magos procedentes do Oriente.

Embora essa diferença possa parecer banal (alguns poderiam dizer mera curiosidade), ela revela divergências substanciais nos relatos dos dois evangelistas. Em materiais iconográficos, o nascimento de Jesus sempre é encenado em um estábulo. Conforme a versão mais conhecida da Natividade, José e Maria foram obrigados a sair de Nazaré e ir até Belém para serem registrados no censo romano, mas não havia vagas nas hospedarias. Jesus, então, nasce em um estábulo e é deitado em uma manjedoura. No entanto, esse fato só está relatado em Lucas.

Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado. Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria. E todos iam se alistar, cada um na própria cidade. Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi, para se inscrever com Maria, desposada com ele, que estava grávida. Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o com faixas, e reclinou-o numa manjedoura,

porque não havia lugar para eles na sala<sup>11</sup> (Lucas 2: 1-7, Bíblia de Jerusalém).

Mateus não fala absolutamente nada sobre o censo, sobre a viagem para Belém ou sobre a manjedoura. Aliás, seu relato sugere que eles já moravam em Belém, pois o autor/editor de Mateus se limita a dizer que Jesus nasceu “em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes” (Mateus, 2:1, Bíblia de Jerusalém). Nenhuma outra cidade é citada nos primeiros versículos do capítulo 2 que possa sugerir outro local de moradia. Além disso, ele diz que os magos visitaram Jesus “em uma casa”.

Assim, se uma pessoa que nunca leu o evangelho de Lucas se basear apenas no relato de Mateus, muito provavelmente chegará à conclusão de que a residência da família de Jesus era em Belém (Meier, 1991, p. 211). Por outro lado, Mateus não menciona nenhum estábulo, o que explica a ausência dos pastores e dos animais na cena do nascimento (Ehrman, 1997, p. 101). Como bem diz Raymond Brown (1993, p. 35), “o cristão comum não está nem mesmo ciente de uma dificuldade quando os pastores de Lucas confraternizam com os magos de Mateus no presépio de Natal”.

A história dos magos envolve ainda outro acontecimento crucial na perspectiva teológica de Mateus: o chamado “massacre dos inocentes”. Segundo seu relato, antes de chegarem a Belém, os magos haviam passado por Jerusalém e perguntado ao rei Herodes onde deveria nascer o rei dos judeus. Temendo que o menino fosse uma ameaça ao seu poder, Herodes ordena o assassinato de todas as crianças de dois anos para baixo que vivem em Belém e arredores. Para escapar do massacre, a família de Jesus foge para o Egito. Como em várias outras passagens de seu texto, Mateus diz que isso ocorreu “para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho” (Mateus, 2:15, Bíblia de Jerusalém). Importante ressaltar: nada disso é relatado em Lucas.

---

<sup>11</sup> Este termo aparece traduzido como “hospedaria” em outras traduções da Bíblia, como na tradução de Frederico Lourenço (2017).

Segundo Mateus, José só se sente seguro para retornar com sua família após um anjo avisá-lo da morte de Herodes. No entanto, José não quis voltar para o lugar de onde tinham partido. Por medo de Arquelau, filho e sucessor de Herodes, resolveu se dirigir à cidade de Nazaré:

Mas, ouvindo que Arquelau era rei da Judeia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: Ele será chamado Nazoreu<sup>12</sup> (Mateus, 2: 22-23, Bíblia de Jerusalém).

Assim, conforme narrado por Mateus, poderíamos concluir que José e Maria não moravam em Nazaré, mas em Belém. José somente decidiu que não voltaria para Belém por medo de Arquelau. E que, por isso, foi morar “numa cidade chamada Nazaré”. Essa forma de terminar a história não se parece com um retorno para sua cidade de moradia (Crossan, 1996, p. 35; Meier, 1991, p. 212).

Desse modo, se considerarmos que José e Maria moravam em Belém, Mateus não teria nenhuma razão de mencionar um censo romano que os obrigaria a sair de Nazaré para serem recenseados em Belém. Diferentemente de Lucas, Mateus não fala nada sobre o censo romano.

Outra diferença nas circunstâncias do nascimento está relacionada ao percurso feito por José, Maria e Jesus para a Galileia. Segundo Lucas, passados os dias da purificação<sup>13</sup>, em seu caminho de volta para Nazaré, a família passou por Jerusalém. Esse relato difere do que está narrado em Mateus. No entanto, é coerente com a importância do Templo de Jerusalém em seu evangelho.

---

<sup>12</sup> Este termo aparece como “Nazareno” em outras traduções da Bíblia, como na tradução de Frederico Lourenço (2017).

<sup>13</sup> Segundo John P. Meier, há problemas com a narração da purificação em Lucas, pois ele parece confundir os rituais e os motivos de sua realização (ver Meier, 1991, p. 210).

Uma das formas pelas quais Lucas conecta Jesus ao judaísmo é criando uma associação entre ele e o Templo de Jerusalém. Tal conexão perpassa seu texto e está expressa já em seu relato da Natividade. A ida da família ao Templo ocorre para que Jesus, após ser circuncidado, seja apresentado ao Senhor, como prescrevem as escrituras (Lucas, 2: 22-24, Bíblia de Jerusalém). Além disso, é no Templo que o recém-nascido Jesus é reconhecido como Messias por Simeão e Ana, dois judeus piedosos. Algo relevante a destacar é que Lucas é o único evangelho canônico que contém um acontecimento da vida de Jesus no longo interstício entre seu nascimento e sua vida adulta. E isso ocorreu justamente no Templo de Jerusalém. Trata-se da história em que Jesus, com 12 anos de idade, é encontrado por seus pais debatendo com sábios no Templo (Ehrman, 1997, p. 103). Lucas conta que, após isso, a família se dirige para a Galileia. Ou seja, ele não menciona nada sobre a perseguição de Herodes, nem a fuga para o Egito.

Percebe-se claramente que a jornada para Nazaré é contada de forma diferente pelos evangelistas. Enquanto em Mateus a família de Jesus é obrigada a ir ao Egito e somente depois de certo tempo vai morar em Nazaré, em Lucas a viagem é mais curta. Talvez após pouco mais de um mês do nascimento de Jesus, a família deixa Belém (afinal, sua estada lá era temporária) para retornar à sua casa em Nazaré (Ehrman, 2010, p. 34). Vê-se que as cronologias são discordantes. A sequência de acontecimentos em Lucas é incompatível com o desenrolar da história em Mateus.

Em suma, os relatos da Natividade em Mateus e Lucas diferem em aspectos importantes. A narrativa só adquire fluidez e coerência por meio das histórias populares a que estamos acostumados, que mesclam dois textos em um e suprimem suas discrepâncias.

Assim, diante de tais diferenças (em alguns casos impossíveis de serem harmonizadas), o que dizem os especialistas sobre a historicidade da Natividade? Podemos dizer

que algo do que está relatado em Mateus e Lucas sobre o nascimento de Jesus aconteceu de fato?

### **A historicidade dos relatos da Natividade**

Respondendo a essa pergunta de forma simples e direta, podemos concluir que não, os relatos da Natividade em Mateus e Lucas não são históricos. Pesquisadores especializados no estudo do Jesus histórico, como Raymond Brown (1993), John Dominic Crossan (1996), Bart Ehrman (1997) e John P. Meier (1991), afirmam que o mais plausível é que Jesus tenha nascido em Nazaré e que as histórias de seu nascimento em Belém sejam composições literário-religiosas. Para esses estudiosos, os relatos foram baseados em tradições que circulavam pelas comunidades cristãs em torno do Mediterrâneo, tradições que estavam em diálogo com as escrituras judaicas que previam que o Messias seria descendente de Davi e que nasceria em Belém.

Antes de prosseguirmos na análise da historicidade dos relatos da Natividade, é útil discutir o gênero textual dos evangelhos. Conforme diz John P. Meier (1991, p. 41), os autores dos evangelhos não estavam escrevendo um trabalho de história no sentido moderno da palavra. Então, que tipo de texto estavam escrevendo?

Bart Ehrman (1997, p. 52-55) argumenta que os evangelhos são “biografias greco-romanas”. Ele esclarece que não são biografias no sentido moderno do termo, mas um gênero de relato de vida comum no espaço greco-romano do século I. Segundo o autor, diferentemente das suas contrapartes modernas, as biografias ao estilo greco-romano não buscavam acurácia e fidedignidade aos “fatos como realmente ocorreram”. Eram textos produzidos para apresentar as características essenciais e os traços de personalidade do biografado, e não para compor um relato minucioso de sua trajetória.

Quando os biógrafos greco-romanos narravam acontecimentos específicos, o faziam na intenção de destacar as qualidades pessoais dos biografados em meio a casos concretos. Era um recurso para ilustrar sua personalidade, relatando seu

comportamento nas mais diversas situações com as quais ele se defrontava ao longo da vida (ou em um determinado período da vida). O compromisso era com a personalidade exemplar do biografado, não com um relato exato do que ele fez ou disse (Ehrman, 1997, p. 52-53).

Entendendo os evangelhos como biografias greco-romanas, podemos avaliar como o relato da Natividade de cada evangelista se coaduna com a forma com que ele procura apresentar os traços essenciais de Jesus. Para isso, é importante destacar que Mateus e Lucas afirmam que Jesus é o Messias aguardado, previsto nas escrituras e que vinha cumprir o que diziam os profetas.

Diante disso, os relatos da Natividade parecem indicar que Mateus e Lucas tinham um problema em sua afirmação de que Jesus era o Messias. Pois Jesus era amplamente reconhecido como um homem oriundo de Nazaré e ambos os evangelistas dialogavam com as escrituras judaicas, segundo as quais, pelo menos em seu entendimento, o Messias deveria nascer na cidade de origem de Davi, Belém. Fosse por razões cristológicas (relativas à reflexão teológica sobre a natureza de Cristo), fosse por razões apoloéticas (contra as alegações de opositores judeus que diziam que Jesus não era o Messias), Mateus e Lucas se viram na necessidade de garantir que Jesus havia nascido em Belém (Brown, 1993, p. 28-29).

Além disso, Mateus e Lucas narram o nascimento de Jesus em meio a eventos milagrosos que demonstram que Jesus é o Messias profetizado nas escrituras. A presença de milagres nos evangelhos coloca desafios a pesquisadores que buscam pelo Jesus histórico, exigindo uma leitura histórico-crítica e instrumentos metodológicos para tentar apreender o que há de histórico por trás de eventos miraculosos. Mas se buscarmos ler esses milagres no contexto literário e teológico de cada evangelho, abre-se um caminho possível para compreendermos o seu significado.

Ao longo dos anos, têm surgido teses que tentam compatibilizar os milagres contidos na Bíblia com a ciência<sup>14</sup>. Tomemos o caso da estrela que guiou os magos. Segundo Mateus, a estrela ia adiante deles, se movendo em direção a Belém até parar exatamente sobre o local em que Jesus estava (Ehrman, 2010, p. 32). É possível que algo assim aconteça sem que seja um milagre? Se não foi um milagre, que fenômeno foi esse?

Como bem destacam Raymond Brown (1993) e Geza Vermes (2010), há tentativas de encontrar explicações científicas para o evento, com argumentos de que se tratava de uma supernova, um alinhamento de Júpiter e Saturno ou a passagem do cometa Halley (ver Brown, 1993, p. 171-173; Vermes, 2010, p. 79). Nós podemos facilmente ter contato com essas teses, pois elas recheiam programas na TV por assinatura e publicações na internet. Seja em obras acadêmicas ou de entretenimento, teóricos de diferentes campos do conhecimento desenvolvem sofisticadas conjecturas, utilizando-se, principalmente, de cálculos astronômicos. Eles tentam com isso demonstrar que o que Mateus escreveu era um fenômeno natural.

Mas se analisarmos os evangelhos em seu contexto, é compreensível que algo extraordinário seja mencionado no instante em que o Messias nasceu. No espaço do Mediterrâneo greco-romano em que os evangelhos foram produzidos, eram bastante comuns as narrativas de intervenções divinas na ocasião de nascimento de figuras de relevo, como heróis, filhos de deuses, filósofos e humanos divinizados (Vermes, 2010, p. 76-77).

Essas narrativas dialogavam também com as tradições judaicas que eram de amplo conhecimento na Palestina do século I. Imersos no judaísmo, os primeiros cristãos estavam habituados a relatos, muito comuns na Bíblia Hebraica, que narram nascimentos milagrosos. Segundo John. P. Meier:

---

<sup>14</sup> Essa tentativa ocorre também com vários acontecimentos milagrosos narrados em outras partes da Bíblia, como o dilúvio e a abertura do Mar Vermelho.

[...] algumas grandes figuras, como Isaac, Jacó, os doze patriarcas, Sansão, Samuel, Davi e mais notavelmente Moisés são favorecidos com histórias sobre seu nascimento ou juventude. Essas narrativas frequentemente apresentam temas comuns, como anunciação do nascimento por um anjo e/ou um sonho, a esterilidade da mulher antes da intervenção divina, profecias ou portentos sobre o futuro da criança e palavras ou feitos precoces do jovem (Meier, 1991, p. 208, tradução livre).

Assim, segundo o autor, podemos compreender os relatos da Natividade no mesmo contexto de outras “narrativas de infância do antigo mundo mediterrâneo”, onde “anunciações angélicas e nascimentos milagrosos são temas correntes” (Meier, 1991, p. 209, tradução livre).

Também eram comuns relatos de aparecimento de uma nova estrela no momento de nascimento de alguém importante, como a estrela que teria anunciado o nascimento do imperador Augusto. Além disso, Mateus, que reiteradamente faz referência à Bíblia Hebraica, pode ter feito alusão à passagem presente em Números 24:17, em que o profeta Balaão diz que uma estrela procedente de Jacó anunciaria o poder vindouro de Israel. Portanto, podemos concluir que o relato de Mateus sobre a estrela de Belém obedecia a ditames teológicos, não astronômicos<sup>15</sup> (Brown, 1993, p. 36; Vermes, 2010, p. 79-80).

Outro tópico no relato de Mateus que levanta problemas para sua historicidade é o chamado “massacre dos inocentes”. Nenhum outro documento do período menciona um morticínio de crianças de Belém e arredores a mando de Herodes. Nem mesmo

---

<sup>15</sup> Um autor que busca compatibilizar as vertentes teológicas do texto de Mateus com fenômenos astronômicos é David Collins. Astrônomo de formação, ele analisou fontes do período que registram que cometas foram vistos em Roma e no Oriente Próximo nas décadas de 60 e 70 EC. Para ele, o autor do evangelho de Mateus, escrevendo na década de 70, pode ter unido essas visões às tradições greco-romanas e veterotestamentárias para compor sua história da Natividade. Assim, segundo Collins, é possível que Mateus tenha tomado um evento astronômico que realmente aconteceu para compor sua narrativa de que uma “estrela” teria anunciado que Jesus era o messias aguardado (Collins, 2012, p. 180-181).

outros autores do Novo Testamento dizem algo parecido. Podemos supor que um morticínio de tamanha magnitude estaria registrado em outros materiais cristãos e mesmo em textos não cristãos (Ehrman, 2010, p. 32; Fredriksen, 2000, p. 37).

Por outro lado, o relato é compatível com a apresentação de Jesus como novo Moisés. Segundo o livro do Êxodo, ao perceber que os hebreus estavam se multiplicando e que isso era uma ameaça ao reino do Egito, o faraó ordena o assassinato de meninos nascidos das mulheres hebreias (Êxodo 1: 9-22, Bíblia de Jerusalém). Para livrar o filho do massacre, a mãe de Moisés o coloca em um cesto nos juncos à beira do rio Nilo, que depois seria encontrado pela filha do faraó (Êxodo, 2: 2-6, Bíblia de Jerusalém). Ou seja, da mesma forma que Moisés escapou da morte a mando do faraó egípcio, Jesus escapou do massacre ordenado por Herodes.

Em seu relato da Natividade, Mateus construiu um duplo paralelismo entre Jesus-Moisés, de um lado, e faraó-Herodes, de outro. Isso não devia ser nada estranho para o público que Mateus queria alcançar, em grande parte judeus familiarizados à história de Moisés e sabedores da má fama de Herodes. Ao que parece, havia uma visão disseminada de que Herodes era um tirano sanguinário, um rei que havia ordenado a morte de uma longa lista de inimigos, e até mesmo de membros de sua família, como esposa e três de seus filhos (Vermes, 2010, p. 80).

Por outro lado, lendo o evangelho de Mateus, algumas passagens não parecem expressar um espelhamento exato nas histórias da sobrevivência de Moisés e Jesus. Isso ocorre porque, segundo John Dominic Crossan (1996, p. 26), a apresentação que Mateus faz de Jesus enquanto novo Moisés deriva em grande parte do que ele chama de “versões populares” da história do Êxodo que circulavam na Palestina do século I.

A versão canonizada do Êxodo, que está presente hoje no Antigo Testamento lido pelos cristãos, diz que o faraó mandou lançar os meninos hebreus ao rio por causa do risco que sua multiplicação representava à segurança do Egito. Temendo que, em caso de guerra, os numerosos hebreus se juntassem aos

inimigos dos egípcios, o faraó mandou matar todos os filhos das hebreias, deixando as filhas viverem (Êxodo, 1: 9-22, Bíblia de Jerusalém).

No entanto, na obra *Antiguidades Judaicas*, de Flávio Josefo<sup>16</sup>, há uma outra explicação para o faraó ter ordenado o massacre das crianças. Segundo Josefo, sacerdotes e escribas egípcios haviam previsto o nascimento de um menino hebreu que iria levantar o seu povo e que iria causar a ruína do Egito. Alarmado com esse mau presságio, o faraó mandou assassinar todos os meninos nascidos dentre os hebreus. Ou seja, para conseguir matar a criança predestinada que o ameaçava, o faraó ordenou uma matança abrangente, que resultou na morte de uma quantidade enorme de crianças (Crossan, 1996, p. 26-27).

Percebemos que essa versão da história de Moisés está mais bem espelhada no relato que Mateus faz sobre Jesus. Não foi a multiplicação dos hebreus e sua eventual aliança com inimigos que alarmava o faraó, mas o surgimento de um líder inimigo que arruinaria o seu reino. Do mesmo modo, Herodes, sentindo-se ameaçado pelo nascimento de um suposto rival pelo trono, ordenou o massacre de uma quantidade gigantesca de inocentes para alcançar Jesus.

Crossan aponta outro possível espelhamento entre o evangelho de Mateus e uma história relativa ao nascimento de Moisés. No *Livro das Recordações*, obra anônima posterior à obra de Josefo, ao saber da ordem do faraó para matar todos os meninos, o pai de Moisés, Amram, se separa de sua esposa,

---

<sup>16</sup> Flávio Josefo (37-100 EC) foi um historiador judeu que nos legou importantes obras para compreendermos o judaísmo na Antiguidade e o contexto judaico sob domínio romano. Dentre suas obras estão *Guerras Judaicas*, que narra a revolta dos judeus contra Roma, entre 66 e 73 EC, e *Antiguidades Judaicas*, que se propõe a ser uma história desde a criação do mundo até o ano 66 EC. Nascido Yosef ben Mattityahu, lutou durante a revolta e foi preso por Vespasiano, general que se tornaria imperador romano, fundador da dinastia flaviana. Após prever que Vespasiano (Titus Flavius Vespasianus) seria imperador, foi libertado e adotado por ele, passando a se chamar Titus Flavius Josephus (Edmondson, 2005, p. 1-3; Karesh & Hurvitz, 2006, p. 257).

Miriam, para evitar uma gravidez que redundaria em tragédia. No entanto, esse livro diz que, três anos depois, o Espírito de Deus desce sobre Miriam e anuncia a profecia de que seu filho seria aquele que libertaria Israel da escravidão no Egito. Ao saber dessa profecia, Amram retorna para sua esposa. Essa sequência aparece de forma similar no evangelho de Mateus. Ao tomar conhecimento da gravidez de Maria sem que os dois tivessem consumado sua união, José se afasta dela. No relato de Mateus, José só retorna para Maria após receber a visita de um anjo que lhe diz que a criança foi gerada pelo Espírito Santo (Crossan, 1996, p. 29-30).

Com isso, podemos concluir, assim como Crossan (1996, p. 30), que não foi propriamente o relato do nascimento de Moisés conforme consta do Êxodo que serviu de base para Mateus, mas as diferentes versões e ampliações desse relato que circulavam no período.

Quanto à historicidade do relato de Lucas, no cerne dos debates está o censo romano. Em sua narrativa, é por causa desse censo que José e Maria devem sair de Nazaré para ir a Belém. No entanto, ao fazermos uma análise detida, podem ser identificados vários problemas nesse relato.

Para começar, um censo da abrangência afirmada por Lucas não pode ser verificado por outras fontes. Não há outros documentos que indiquem que César Augusto tenha mandado realizar um censo em todo o império nessa ocasião ou em qualquer outro tempo (Crossan, 1994, p. 429; Ehrman, 2010, p. 32; Meier, 1991, p. 212-213; Brown, 1993, p. 548).

Mas talvez o que seja mais relevante é que Lucas apresenta uma discrepância cronológica. Ele diz que o censo foi realizado no tempo em que Quirino<sup>17</sup> era governador na Síria. E

---

<sup>17</sup> Publius Sulpicius Quirinius foi apontado como governador da Síria em 6 EC, após a deposição de Arquelau, que era visto pelos romanos como incapaz de governar. Uma das principais tarefas de Quirino foi a reestruturação e anexação da Judeia à província da Síria. A realização do censo foi uma das medidas necessárias após a anexação, tendo em vista que dali por diante os tributos seriam cobrados diretamente por Roma (Brown, 1993, p. 395; Dabrowa, 2011, p. 137).

tanto ele quanto Mateus dizem que Jesus nasceu no tempo de Herodes<sup>18</sup>. Sabemos por outras fontes que um censo foi realizado na Judeia sob as ordens de Quirino, e que ele foi instituído como governador da Síria por volta de 6 EC. Sabe-se também que Herodes havia morrido anos antes, em 4 ou 3 AEC (Crossan, 1994, p. 429; Ehrman, 2010, p. 33-34; Brindle, 1984, p. 46; Bunson, 2002, p. 288-289).

Ou seja, o censo realizado a mando de Quirino ocorreu após a morte de Herodes, quando Arquelau, seu filho e sucessor já governava (Crossan, 1996, p. 35; Vermes, 2010, p. 78). Então, ou Jesus nasceu quando Herodes era o rei da Judeia ou quando Quirino era governador da Síria. De acordo com a cronologia de que dispomos por outras fontes, não há possibilidade de as duas datas estarem corretas ao mesmo tempo (Fredriksen, 1999, p. 23).

Wayne Brindle (1984) discute como historiadores têm tentado, desde o final do século XIX, resolver o “problema” cronológico em Lucas. Dentre as teses apresentadas por Brindle estão a que diz que Lucas confundiu Quirino com Sênio Saturnino e a que afirma que as datas apontadas para o governo de Quirino (por exemplo, em Tácito e em Josefo) é que estão erradas. Há também afirmações de que Quirino foi governador da Síria em duas ocasiões diferentes. Outros argumentam que a ordem de Augusto para realizar o censo ocorreu no governo de Herodes, mas que houve demora na execução e o censo foi realizado apenas quando Quirino já era governador. Há ainda uma tese que diz de que Lucas não se referia propriamente ao censo realizado sob o governo de Quirino, mas o usou como referência para falar de um censo anterior, sendo possível, portanto, que tenha sido feito no tempo de Herodes (ver Brindle, 1984, p. 44-45; ver também Dabrowa, 2011; Brown, 1993, p. 548-549).

---

<sup>18</sup> Mateus diz literalmente que Jesus nasceu no “tempo” de Herodes. Lucas nos leva a concluir isso também, pois ele diz que Isabel (mãe de João Batista e parenta de Maria) engravidou nos “dias” de Herodes (Lucas, 1: 5-25, Bíblia de Jerusalém). Mais adiante, ele narra que no sexto mês Maria recebe a anunciação do anjo Gabriel (Lucas, 1: 26-27, Bíblia de Jerusalém). Ou seja, Isabel e Maria engravidaram com uma diferença de poucos meses.

Pesquisadores como Raymond Brown (1993) são críticos a essas teses, entendendo que os argumentos em prol da coerência de datas de Quirino e Herodes estão mais para conjecturas e que tais conclusões não são baseadas em evidências. Brown (1993, p. 554-555) chama atenção para o fato de que apenas estudiosos que querem provar a historicidade do evangelho de Lucas fazem questionamentos sobre a datação do censo realizado por Quirino. Assim, podemos concluir que o censo foi um recurso literário que o autor/editor de Lucas encontrou para fazer com que José e Maria tivessem motivo para ir a Belém (Crossan, 1996, p. 35; Brown, 1993, p. 550-555).

No entanto, pesquisadores como Mark D. Smith (2000) e Mônica Selvatici (2006) possuem outro entendimento em relação às datas fornecidas por Lucas. Eles se baseiam no argumento de que o nascimento de Jesus ocorreu por volta de 6 EC, e não por volta de 4 ou 3 AEC. Assim, afirmam que as datas em Lucas podem estar corretas. Mas a chave para a sua coerência cronológica não é Quirino, e sim Herodes. Segundo esse entendimento, quando Lucas diz “Herodes”, está, na verdade, se referindo a Arquelau. Segundo eles, há evidências que indicam que era algo comum no período Arquelau ser referido como Herodes. Arquelau adotou o nome de seu pai em moedas e Dion Cássio chegou a chamá-lo de “Herodes da Palestina”. E, embora Arquelau não fosse rei, mas etnarca, a referência ao título de Arquelau pode ter sido fruto de uma confusão ou falta de preocupação com a menção exata dos títulos. Josefo, por exemplo, embora nunca se refira a Arquelau como Herodes, diz que ele sucedeu seu pai como “rei” (Smith, 2000, p. 285-286; Selvatici, 2006, p. 32-33). Assim, se realmente era Arquelau a quem Lucas fazia referência quando disse Herodes, então as datas de Quirino e Herodes coincidem, já que Arquelau era o etnarca da Judeia quando o censo foi realizado, em 6 ou 7 EC.

Um argumento favorável à exatidão das datas contidas no relato de Lucas é o fato de que, de todos os evangelistas, ele é o único a assegurar a fidedignidade do seu relato. O autor/editor de Lucas começa o texto do evangelho dizendo que fez um estudo

minucioso a respeito dos acontecimentos da vida de Jesus e que escreveu de modo que seu leitor pudesse ter certeza sobre as histórias que já circulavam em sua comunidade. Essa introdução possui uma clara similaridade com textos de historiadores helenísticos, os quais primavam por narrar os acontecimentos de forma precisa e ordenada (Ehrman, 1997, p. 98). Isso poderia indicar sua preocupação com as datas corretas a serem informadas.

No entanto, conforme já mencionado, os evangelhos não podem ser lidos segundo nosso padrão de escrita histórica, mas como biografias greco-romanas. Além disso, não podemos ter certeza de que as cronologias de Lucas sejam totalmente acuradas. Como destacam Raymond Brown (1993) e Paula Fredriksen (2000), podemos identificar inconsistências cronológicas em seus escritos, tanto no evangelho quanto nos Atos dos Apóstolos<sup>19</sup>.

Pode-se, então, supor que o autor/editor de Lucas tenha recorrido, com base nas tradições orais, a uma memória coletiva do censo de Quirino. Esse censo parece ter sido um evento traumático para muitos judeus, já que deu origem a uma rebelião sob o comando de um homem chamado Judas Galileu (Brindle, 1984, p. 47). Ou talvez Lucas tenha buscado dar um caráter de autenticidade ao relato, inserindo a viagem de José e Maria no contexto de um evento que era de amplo conhecimento em sua comunidade. Como os autores/editores dos evangelhos não eram historiadores no sentido moderno, muitas vezes importava mais o efeito que o relato poderia exercer sobre a audiência do que a descrição exata e objetiva do que tinha acontecido (Meier, 1991, p. 41).

Estudiosos como Raymond Brown (1993) e Geza Vermes (2010) entendem que é plausível que Jesus tenha nascido em

---

<sup>19</sup> Uma dessas inconsistências está em seu relato da ocasião em que Pedro é interrogado no Sinédrio, na década de 30, quando um fariseu doutor da lei, Gamaliel, faz referência à revolta de Teudas no passado, um levante que só ocorreria depois, na década de 40 (Brown, 1993, p. 239; Fredriksen, 2000, p. 31).

algum momento dos anos finais do governo de Herodes, por volta de 4 a 3 AEC. Isso estaria coerente com outras referências cronológicas no próprio evangelho de Lucas (Brown, 1993, p. 548; Vermes, 2010, p. 44) e seria também confirmado pelo evangelho de Mateus. Mas seria incompatível com o censo de Quirino.

Assim, o debate continua em aberto, pois se há fortes indícios para concluir que as datas são impeditivas para que o relato seja considerado histórico, há argumentos plausíveis nas afirmações de que houve de fato um censo na Judeia em uma data em que os “tempos” de Quirino como governador da Síria e Herodes como rei da Judeia coincidiram.

Outro ponto de controvérsia a respeito do censo é a obrigação do deslocamento de José e Maria até Belém para serem registrados. Para Raymond Brown (1993) e John Dominic Crossan (1994, 1996), o relato contraria a prática romana na realização de seus censos. Censos no Império Romano tinham duas funções básicas – tributação e recrutamento militar. Sendo os judeus isentos do serviço militar romano, o censo de Quirino tinha função especificamente fiscal, servindo para aferir as propriedades da população e o quanto cada um deveria pagar de impostos. Considerando objetivos tributários, o padrão era registrar as pessoas onde elas viviam ou na cidade principal mais próxima. Não haveria sentido em obrigar as pessoas a saírem de seu local de moradia e trabalho para serem recenseadas em outra cidade. Na verdade, o contrário é o que costumava acontecer. As pessoas que estivessem fora de sua cidade de moradia deveriam retornar aos seus locais de residência para serem registradas (Brown, 1993, p. 549; Crossan, 1996, p. 35; Crossan, 1994, p. 429).

Enfim, apesar de ainda haver debates sobre pontos específicos, ao analisarmos a bibliografia especializada nos estudos do Jesus histórico, podemos concluir que os relatos da Natividade em Lucas e em Mateus não são históricos. São constructos literários que cumprem uma função teológica. Tanto o local de nascimento quanto os eventos que compõem todo o

quadro da Natividade não foram escritos tentando alcançar o máximo possível de fidelidade histórica. Os relatos cumprem um papel teológico fundamental: afirmar que Jesus é o Messias esperado, que, segundo as escrituras judaicas, deveria nascer em Belém, cidade de seu ancestral Davi.

### **Considerações finais**

A história da Natividade ocupa um lugar de destaque no imaginário de milhões de cristãos ao redor do mundo. A crença nos acontecimentos miraculosos que envolvem o nascimento de Jesus é tão enraizada em certas sociedades que o simples fato de discutir sua historicidade pode parecer uma ofensa ou uma tentativa de deslegitimação da fé.

Mas esse não é o trabalho do historiador (pelo menos essa não foi a intenção aqui). Assim como em relação a outros textos produzidos no passado, a análise dos escritos reunidos na Bíblia deve seguir o rigor da pesquisa histórica. Ao considerar os escritos bíblicos como fontes históricas, e não como textos inspirados, a crítica documental faz parte do método de trabalho historiográfico. É uma das operações necessárias ao “ofício do historiador” para que ele possa enunciar um conhecimento válido sobre o passado.

A crítica documental dos textos do Antigo e do Novo Testamento possui uma longa trajetória. Em conjunto com os achados arqueológicos e com a adoção de teorias da sociologia, antropologia e linguística, a análise crítica dos textos bíblicos nos trouxe resultados importantíssimos para que pudéssemos compreender melhor tanto os materiais textuais que chegaram até nós (canônicos e não canônicos) quanto os contextos em que foram produzidos.

Com base nesses estudos, entendo que os relatos dos eventos que envolvem o nascimento de Jesus contidos em Mateus e Lucas não são históricos. São escritos religiosos herdeiros de um rico e plural conjunto de tradições (orais e/ou escritas) e tecidos segundo as convenções de um gênero literário comum no período. São textos que foram produzidos para alcançar uma

audiência específica, em diálogo com as profecias contidas nas escrituras que seus autores/editores consideravam sagradas.

Assim, a narrativa da Natividade está mais próxima do mito do que da história. Mito entendido não como falsificação da realidade, mas como narração de um evento fundador. Nas palavras de Mircea Eliade (1972, p. 11), mito como “narrativa de ‘criação’”, que “narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir”; uma “irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje” (Eliade, 1972, p. 11).

Para finalizar, entendo que os debates sobre a historicidade dos relatos da Natividade em Mateus e Lucas são importantes não para deslegitimar o relato bíblico ou apontar “erros” dos evangelhos, mas para nos ajudar a conhecer as crenças dos primeiros cristãos e averiguar o que eles consideravam central em sua relação com as tradições judaicas. Assim, talvez o relato da Natividade possa nos ajudar não a chegar ao Jesus histórico, mas a obter um entendimento mais aprofundado sobre as primeiras comunidades cristãs e sobre as tradições que circulavam no período; tradições não sobre Jesus de Nazaré, o ser humano, mas sobre Jesus Cristo, o ser divino.

#### FONTES

**BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém.** Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

**BÍBLIA.** Português. **Novo Testamento:** os quatro Evangelhos. Tradução do grego de Frederico Lourenço, Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Kurt & ALAND, Barbara. **The text of the New Testament**: an introduction to the theory and practice of modern textual criticism. Translated by Erroll F. Rhodes, 2<sup>nd</sup> ed. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1989.

BRINDLE, Wayne. The census and Quirinus: Luke 2:2. **SOR Faculty Publications and Presentations**, 1984, p. 43-52. Disponível em: <[https://digitalcommons.liberty.edu/sor\\_fac\\_pubs/73](https://digitalcommons.liberty.edu/sor_fac_pubs/73)> Acesso em: 13 fev. 2025.

BROWN, Raymond E. **The birth of the Messiah**: a commentary on the infancy narratives in the Gospels of Matthew and Luke. New updated edition. New York: Doubleday, 1993.

BUNSON, Matthew. **Encyclopedia of Roman Empire**. Revised Edition. New York: Facts on File Inc, 2002.

COLLINS, David. **The Star of Bethlehem**. Gloucestershire: Amberley Publishing, 2012.

CORNELLI, Gabriele. Introdução: metodologia e resultados atuais da busca pelo Jesus Histórico. In: CHEVITARESE, Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (org.). **Jesus de Nazaré**: uma outra história. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006, p. 17-25.

CROSSAN, John Dominic. **Jesús**: biografía revolucionaria. Traducción de Teófilo de Lozoya. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1996.

\_\_\_\_\_. **Jesús**: vida de un campesino judío. Traducción de Teófilo de Lozoya. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1994.

DABROWA, Edward. The date of the census of Quirinius and the chronology of the Governors of the Province of Syria. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, Bd. 178, 2011, p. 137-142. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41616761>> Acesso em: 13 fev. 2025.

EBNER, Martin. A igreja na era pré-constantiniana: dos primórdios até metade do século II. In: KAUFMANN, Thomas *et al.* (Org.). **História ecumênica da Igreja**: dos primórdios até a Idade Média, Vol. 1. Tradução de Irineu J. Rabuske. São Paulo: Loyola/Paulus/Sinodal, 2012, p. 3-49.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

EDMONDSON, Jonathan. Introduction: Flavius Josephus and Flavian Rome. In: EDMONDSON, Jonathan; MASON, Steve; RIVERS, James (Ed.). **Flavius Josephus and Flavian Rome**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1-33.

EHRMAN, Bart D. **Jesus existiu ou não?** Tradução Anthony Cleaver. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

\_\_\_\_\_. **Jesus, interrupted**: revealing the hidden contradictions in the Bible (and why we don't know about them). Harper Collins E-books, 2010.

\_\_\_\_\_. **The New Testament**: a historical introduction to the early Christian writings. New York/Oxford: Oxford University Press, 1997.

FREDRIKSEN, Paula. **From Jesus to Christ**: the origins of the New Testament images of Jesus. 2<sup>nd</sup> ed. New Haven: Yale University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Jesus of Nazareth, King of Jews**: a Jewish life and the emergence of Christianity. New York: Alfred A. Knopf, 1999.

KARESH, Sara E. & HURVITZ, Mitchell M. **Encyclopedia of Judaism**: New York: Facts on File, 2006.

KÖESTER, Helmut. **Introduction to the New Testament**: History and literature of early Christianity (Vol. 2). New York/Berlin: Walter de Gruyter. 1982.

MEIER, John P. **A marginal Jew**: rethinking the Historical Jesus, vol. I. New York: Doubleday, 1991.

SELVATICI, Mônica. O nascimento de Jesus de Nazaré: historiografia e iconografia. In: CHEVITARESE, Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica (org.). **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006, p. 27-41.

SMITH, Mark D. Of Jesus and Quirinus. **The Catholic Biblical Quarterly**, Vol. 62, No. 2 (April 2000), p. 278-293. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43722645>> Acesso em: 13 fev. 2025.

VERMES, Geza. **The real Jesus: then and now**. Minneapolis: Fortress Press, 2010.

Recebido em: 02/05/2025

Aprovado em: 15/05/2025